A INVASÃO CULTURAL NA AGRICULTURA FAMILIAR ENQUANTO TERRENO DE PERSUASÃO DO CAPITALISMO

THE CULTURAL INVASION ON FAMILY AGRICULTURE AS A LAND OF PERSUASION OF CAPITALISM

Maria Aléxcia Michelle Ferreira de Lima[1]

RESUMO

Este projeto propõe como objetivo analisar a invasão cultural do capitalismo na produção familiar. Buscamos debater sobre a agricultura familiar e os reflexos aparentes do capitalismo protagonizados nesse trabalho pela invasão e territorialização do capital, bem como suas ideologias. Os impactos negativos provocados pelo capital na sociedade e principalmente no que se refere a produção familiar é muito evidente e, através de uma discursão crítica e reflexiva trouxemos esse debate tão pertinente com um olhar marxista sobre esse viés. Para a construção desse trabalho nos utilizamos de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo com a finalidade de atingirmos o que foi proposto estudar no que se refere ao capitalismo contemporâneo.

Palavras-chave: Capitalismo. Agricultura familiar. Invasão Cultural.

ABSTRACT

This project aims to analyze a cultural invasion of capitalism in family production. We seek to debate about family farming and the apparent reflexes of capitalism played in this work by the invasion and territorialization of capital, as well as its ideologies. The negative impacts caused by capital on society and especially with regard to family production is very evident and, through a critical and reflective discussion, we bring this debate so pertinent with a Marxist look at this bias. For the construction of this work we used a bibliographical review of a qualitative character with an impact of reaching what was proposed to study with regard to contemporary capitalism.

Keywords: Capitalism. Family farming. Cultural Invasion.

[1] Mestranda pelo PPGSS- Universidade Estadual da Paraíba
Especialista em Docência no Ensino Superior- UNINASSAU
Graduada em Serviço Social- UNINASSAU
E-mail: maria.michelle@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar é entendida e confundida em sua grande maioria com as grandes produções e de viés totalmente mercadológico, porém é necessário compreendermos que esse tipo de cultivo é um processo pelo qual as famílias desenvolvem e põe em prática com sua própria mão-de-obra.

Diferentemente dos grandes cultivos, o cultivo dos pequenos produtores partem do pressuposto de sua própria subsistência e de sua família. Eles possuem um laço afetivo com sua terra e que, muitas vezes, nasceram ali mesmo e adquiriam conhecimentos que foram passados de geração em geração. Já, na ótica dos grandes cultivos, existe um fundamento de mercado, onde os grandes proprietários e empresários produzem para vender e obter lucro. Dessa forma, existem dois campos totalmente contraditórios envolvidos nesse contexto.

O grande capital age na agricultura familiar de diversas maneiras, ocasiona efeitos negativos a esse tipo de cultivo familiar, onde podemos observar esses efeitos através a invasão cultural, por exemplo, assunto tratado ao decorrer desse texto. Desse modo, esse trabalho tem como objetivo analisar a invasão cultural do capitalismo na produção familiar. Nossa perspectiva teórica metodológica se guiou através do materialismo histórico dialético, de autores como o Carlos Montaño e Bernardo Mançano Fernandes. Para isso, constituímos assim uma revisão bibliográfica com a intenção de responder o seguinte problema: Quais os impactos da invasão cultural do capitalismo sobre a produção familiar?

2 AS DIMENSÕES DO GRANDE CAPITAL

Nossa sociedade está enviesada pelos ditames do capital desde a transição do feudalismo até nos dias que correm, são diversas as transformações que esse sistema econômico já passou e que, de todo modo reflete no meio em que vivemos e todas as suas relações, sejam elas sociais, políticas, culturais, e, claro, a econômica. Desse modo, estimulação para privatizações, fomentação na disputa de mercado, exploração da força de trabalho, fortalecimento de ideologias,

individualismo e acumulação de capital são apenas algumas das características do sistema capitalista , assim sendo, Harvey (2011, p. 275- 276), considera que:

> O capitalismo, por exemplo, é entendido como girando basicamente em torno da competição. A sobrevivência dos mais amplos (avaliada em termos de lucratividade) é o mecanismo darwinismo que cria ordem a partir do caos da atividade econômica especulativa e competitiva. [...] E, como enfatizo com frequência, o capitalismo tem descoberto notáveis formas de produzir novas configurações espaciais, de avaliar e coordenar tempos de giro e, portanto, de construir espaçotemporalidades inteiramente distintas para emoldurar nossas atividades.

Para Harvey (2011), a naturalização desse processo se deve a ideologia do neoliberalismo, de modo que nesse sistema toda ação deve existir inicialmente na imaginação, melhor dizendo, antes de qualquer atividade/ intervenção realizada por meio do mercado é pensada primeiramente e propositadamente em função da geração de lucros, nessa sequência, o fator ilusório do capitalismo só é conveniente quando houver ganhos sob tal situação.

Essa é mais uma manobra ideológica utilizada pela política neoliberal e reflete em todos os setores da sociedade, pois a forma como são disseminadas tais ideologias repercutem de maneira romântica aos olhos e ouvidos da sociedade. De acordo com Montaño (2004), existem meios para se estabelecer a inclusão de tais ideologias, como exemplo, o que ele chama de “Canto da Sereia” e o “Cavalo de Tróia”, caracterizado como uma ratoeira, ambos, capazes de enamorar a sociedade, escondendo o que há por trás de seus projetos. Nesse contexto, o mesmo autor (2004, p. 44), afirma que “[...] escondidos nestes projetos, nestes “cavalos de Tróia”, estão, incólumes e fortes os valores, os interesses, as visões de mundo da grande burguesia neoliberal.”

Essas transformações nos voltam o olhar para o que chamamos de fetichismo, ideologia bem expressada na atualidade. O fetiche é algo que existe tão somente na mente humana à medida que o próprio indivíduo põe características em determinadas coisas/objetos, funcionando como regra social, o problema á vista disso, é que na sociedade capitalista o dinheiro acaba sendo o ditador das regras, logo, aquilo que é idealizado pela sociedade é utilizado contra eles mesmos, pois o fetichismo é importante para a vitalidade do capital. (CARCANHOLO, 2011). Posto isso, nota-se que o dinheiro seduz as pessoas, mas não é tão simples assim, a

sedução parte do pressuposto de que os objetos possuem significados simbólicos capazes de realizar qualquer ato nos sujeitos, estes, “enfeitiçados” pelo propósito muitas vezes de status e ascensão social.

As populações caem nessas “redes de pesca” e acabam sendo seduzidas pela lógica do fetichismo, bem como, aceitam o padrão de proteção social ideologizado pelo Estado e, na medida em que as convicções são impostas elas são massificadas em todos os setores sociais, o Estado, por sua vez é um facilitador das dimensões capitalistas.

A proliferação das dimensões do grande capital se deve a condições históricas, nota-se então que esse sistema assume uma lógica perversa de desigualdades e contraditórios sociais. De fato, é preciso entender esse processo e o projeto de sociedade defendido e executado pelo capitalismo.

3 PERCEPÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR

As transformações na sociedade passaram por dois grandes estágios muito importantes que nos mostram como o homem pode transformar a natureza em larga escala, o primeiro foi o período neolítico, marcado pela agricultura, cultivo de plantas e criação de animais para a subsistência, tudo realizado com técnicas manuais. O segundo foi à revolução industrial, essa etapa foi marcada pela relação do homem e o meio ambiente, houve um avanço das tecnologias, uma exploração e degradação dos recursos naturais do meio ambiente. (BITTENCOURT, 2003).

A agricultura ilustrada nesse primeiro período ainda existe, sofreu algumas alterações nesse meio termo, porém, após esse breve debate sobre algumas das dimensões que giram em torno da caracterização do capitalismo é substancial tomarmos posse no que diz respeito à produção familiar. Sobre o processo de produção familiar podemos constatar que é totalmente manual e as técnicas são passadas de família para família. Ela se constitui, entre outros fatores, de como o homem dialoga consigo mesmo e com sua comunidade, portanto, podemos observar o quão relevante é para um povo a preservação daquilo que constituiu a

vida dos antepassados deles, da vida dele e seus familiares e de uma geração futura.

A agricultura familiar tem como personagens principais os pequenos produtores familiares, esses pequenos produtores por amor a terra, tradição e subsistência própria e da família, produzem e consomem aquilo que plantam. Ora, eles possuem uma relação virtuosa com a terra em que produzem, juntamente com o vínculo e identidade cultural e histórica que são formadas. No entanto, surgem relações de interesses diferentes dentro da perspectiva capitalista, onde a economia passa a ditar normas e, começam a transformar a agricultura familiar em terreno fértil para propagação de suas ideologias. Logo, com a crescente produção e exigência do mercado, os agricultores começam a passar por algumas dificuldades, tais como, uma busca constante por qualificações para a produção, buscam compartilhar maquinários e até mesmo procuram incentivos financeiros juntos á órgãos competentes, além de se reunirem em associações para buscar as possíveis soluções no que concerne aos seus interesses, tais buscas não deixam de ser um avanço, porém, ainda não é significativo frente ao sistema capitalista. (GOMES; REGUEIRA. 2019)

Esse sistema de sociedade individualista e competitiva pode impactar na produção familiar ,à vista disso, é necessário cuidarmos do meio em que vivemos, pois é dele que os agricultores tiram seu meio de sobrevivência, criam experiências, transmitem conhecimentos e são felizes com a relação que constroem com a terra. Enquanto seres humanos, seres capazes de impactar a terra, devemos preservar pelo bem comum. Nesse viés, Boff (2009) argumenta que para uma sociedade harmoniosa entre os diversos seres humanos e o planeta Terra devemos partir do propósito da cautela e zelo, dado que este seria o princípio básico para assegurar o envolvimento coletivo e solidário. Para ele não há como separar a Terra da vida humana

No entanto, temos que assumir uma posição de alerta acerca do processo da ação da classe dominante, o capital. Para Boff (2009), existem dois objetos cruciais no desenvolvimento destas relações na sociedade, dois elementos históricos,

ambos, contrastantes, mas que é imprescindível nos reportarmos a eles: a burguesia e o proletariado.

Conforme o autor descreve, cada classe citada anteriormente tem posse de um projeto societário distinto. A burguesia enquanto detentores de riqueza e como consequência são os ditadores de normas ideológicas em face da sociedade, por esse intermédio, nosso planeta tomou uma trajetória de arruinações mediante a imensa desigualdade imposta, refletindo na individualidade, competitividade e uma ambição desmedida. Já, os pequenos agricultores, enquanto o proletariado, são os lesados dessa situação desregrada, os servos que sempre estão submissos aos caprichos da outra classe.

Nesse campo contraditório, Boff (2009, p. 36-37) indaga e em seguida faz uma declaração:

> Cabe a pergunta: como o ethos burguês e o ethos proletário organizam a casa humana? Quem dela cuida melhor para o benefício comum? Quem mais a ameaça em sua sustentabilidade ambiental e social? [...] Nos dias atuais, esse ethos capitalista representa a grande ameaça á natureza, ás relações amistosas entre povos e ao futuro comum da humanidade.

Diante dessa discussão, é evidente que a classe burguesa não possuem o bem comum como sua principal fonte de cuidados. A classe burguesa pertencente ao capitalismo, ele é perverso ao arrasamento de todos os modos de coabitação, entre os seres vivos com a natureza, bem como entre eles mesmos.

4 REFLEXOS DO GRANDE CAPITAL NA AGRICULTURA FAMILIAR

O capitalismo se utiliza de algumas artimanhas para adentrar no campo, e disseminar suas ideologias, uma dessas formas, e bem contemporânea, é a questão do agronegócio, que é totalmente contraditório ao que a agricultura familiar propõe. No entanto, para complementar todo esse processo da invasão do capital no campo, temos de compreender que a invasão cultural são os sujeitos não pertencentes aquele dado espaço e cultura, os mesmos invadem manipulando e alienando a sociedade, estabelecem suas ideologias, privando os sujeitos que vivem naquele determinado local de exercer o seu modo de vida, os excluindo de sua criatividade, ou melhor, a invasão cultural é a imposição da economia e cultura do que é alheio a vida dos demais. (FREIRE, 1987)

Ora, a partir do momento que temos a invasão cultural no campo é importante assimilarmos quais características esse modelo de sociedade possui, percebemos que os aportes ideológicos desse sistema são caracterizados como conceitos complexos, cheio de enigmas e soa como mistérios em função da sua consolidação hegemônica. Dessa maneira, seus preceitos são propagados na sociedade como bem comum. Segundo Montaño (2004), nessa lógica cada pessoa é responsável pela situação em que se encontra e assim é convidada a resolver seus próprios problemas sozinhos, quando na verdade deveria de ter a mediação do Estado.

Com a invasão cultural do capital, o que se gera é a alienação, uma prevalência da cultura e economia do outro, do “invadido”, uma ambição pelo meio natural na forma de exploração mascarada. Há também, uma valorização pela cultura da região muitas vezes na forma de proteção do Estado, mas o que gira em torno dessa proteção é sempre o aspecto econômico.

Outro fator da proliferação capitalista no campo é o caso da territorialização do capital. Começamos esclarecendo que vivemos em um espaço geográfico gerado pela natureza, onde ele é constantemente transformado pelas relações sociais existentes, nesse espaço geográfico existe o espaço social, onde se desenvolvem os diversos espaços dados como políticos, culturais e econômicos, por exemplo. (FERNANDES, 2005) As relações sociais são cheias de conflitos e contradições devido à expansão do capital, logo um processo ligado diretamente a esses espaços e as ideologias neoliberais é a territorialização do capital.

A territorialização do capital é impulsionada por interesses principalmente econômicos e políticos, se firmam nas áreas dos produtores rurais acarretando uma ocupação do espaço, subordinação e exclusão dos mesmos. É significativo falarmos que os agricultores usam a terra para o trabalho e o capital para exploração. Logo, as práticas de territorialização do capital em territórios de produtores familiares originam uma expropriação de magnitude muito elevada.

Ainda sobre o processo de territorialização do capital, podemos inferir que há um processo chamado de TDR. A territorialização acontece por meio da expansão do capital e criação de novos espaços, em seguida a desterritorialização com a destruição, exclusão social e uma perda da população rural, por fim esse processo é

resultante na reterritorialização que seria a recuperação desses espaços. (FERNANDES, 2005)

Nesse viés, para o enfrentamento dessas questões, segundo Rattner (2005) o Estado juntamente com a nossa forma de política, é inabilitado para incluir políticas de combate ao sistema devido à linha de reflexão mercantil instaurada pelo advento do neoliberalismo: produzir, consumir, degradar o meio ambiente, retirar sua matéria-prima, utilizando excessivamente toda parte natural do ambiente. Para o último autor, uma nova forma de política social deveria ser instituída e não criar gambiarras de ajustamento, só assim, poderia ter uma nova sociedade harmoniosa com a proteção social e a sustentabilidade. Rattner (2005, p. 181), também escreve que "o sistema é implacável em sua dinâmica: os ganhos são apropriados pelos ricos e poderosos, enquanto aos pobres, na melhor das hipóteses, são proporcionados benefícios filantrópicos paternalistas."

5 CONCLUSÃO

O grande desafio da atualidade é o enfrentamento do sistema capitalista frente às práticas de agricultura familiar, percebemos que o tipo de proteção social em relação a essa questão que o Estado fornece é de cunho paliativo, para aquebrantar o momento. Não observamos uma política realmente efetiva, que provoque o exercício da emancipação humana dos sujeitos que realizam a produção familiar, pelo contrário, o que apreendemos é uma negação de direitos e impasses para a uma realização do cultivo familiar como, de fato, deveria transcorrer.

Em vista disso, agricultura familiar vem sendo acarretada por pelos aportes contraditórios do capitalismo, onde os produtores familiares são cada vez mais atingidos pela privação de ter seu próprio modo de vida sendo influenciado. Nesse contexto, é possível verificar que a invasão cultural nos campos prioriza a cultura do "outro", do empresário, que insere no cultivo familiar tecnologias para ampliar sua produção em larga escala, que incorpora a utilização de maquinários, produtos químicos com a finalidade de acelerar o processo de cultivo e colheita, aumentando assim a escala de produtos prontos para o mercado.

Esse tipo de invasão no campo coloca o processo de produção familiar em risco, uma vez que, tempos dois campos totalmente contrastantes, cada um em busca de um alvo distinto. Os capitalistas, a expansão do lucro, com visão absolutamente mercadológica, de disputa até de terras; os agricultores familiares, com a permanência de seu cultivo para a subsistência, uma aliança de pertencimento ao local do cultivo.

Sabemos também que, essa infiltração do capital no campo é de total interesse econômico e político, onde o Estado, por sua vez, que deveria ser o fomentador para o beneficiamento da agricultura familiar, acaba contribuindo por sua descaracterização com a propagação desses reflexos capitalistas no campo. Compreendemos que ele exerce uma parceria com o capitalismo e se beneficia, no final das contas, da “safra”, no sentido literal e figurado.

O grande desafio da atualidade é o enfrentamento do sistema capitalista frente às práticas de agricultura familiar

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. M. F. Meio ambiente e ensino de História. In: História & Ensino: **Revista do Laboratório de Ensino de História**. Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, 2003.

BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Record, 2009.

CARCANHOLO, Reinaldo A.(org.). **Capital**: a essência e aparência. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Nera,** Presidente Prudente, ano 8, n. 6, p. 14-34, jan./ jun.2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GOMES, Jarbas de Araújo; REGUEIRA, Luis Felipe Xavier. Empreendedorismo rural (o caso dos produtores de café em Taquaritinga do Norte-PE). In**: Revista Valore**, Volta Redonda, 4 (Edição Especial): 225-234, 2019.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2011.

MONTAÑO, Carlos. A constituição da Ideologia e dos Projetos do "Terceiro Setor". In:_____. **O canto da sereia**: crítica à ideologia e aos projetos do "terceiro setor". São Paulo: Cortez, 2004.

MONTAÑO, Carlos. A ilusão da autorresponsabilização da sociedade civil: as ONGs e seu papel social e político no quadro de hegemonia neoliberal. In: _____. **O canto da sereia**: crítica à ideologia e aos projetos do "terceiro setor". São Paulo: Cortez, 2004.

RATTNER, Henrique. **O Resgate da Utopia**: cultura, política, e sociedade. São Paulo: Palas Athena, 2005.